

CADERNOS DE CAMPO, EXPERIÊNCIAS DE NARRATIVAS LIVRES

FIELD NOTEBOOKS, EXPERIENCES OF FREE NARRATIVES

CUADERNOS DE CAMPO, EXPERIENCIAS DE NARRATIVAS

LIBRES

*Nádia Malena Moda*¹

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte (MG), Brasil

Ana Carla dos Santos²

Universidade de Brasília (UnB), Brasília/DF, Brasil

*Sílvia Laine Borges Lúcio*³

Universidade de Brasília (UnB), Brasília/DF, Brasil

Resumo: Ao longo de dois anos, diversos trabalhos de campo foram realizados junto ao Território Quilombola Kalunga (GO) no intuito de compreender, documentar e registrar os diversos usos do fogo, suas motivações, conflitos e situação atual. Com efeito, neste texto apresentam-se experiências de narrativas livres registradas em cadernos de campo. Ademais, os resultados destacam as percepções fotografadas a partir de nossa inserção no Território Quilombola Kalunga.

Palavras-chave: manejo do fogo, quilombo kalunga, narrativas imagéticas

Abstract: Over two years, several fieldworks were carried out in the Kalunga Quilombola Territory (GO), in order to comprehend, document and register the different fire management, their motivations, conflicts and current situation. In fact, this text presents experiences of free narratives recorded in field notebooks. Furthermore, the results highlight the perceptions photographed from our insertion in the Kalunga Quilombola Territory.

Keywords: fire management, quilombo kalunga, imagery narratives

Resumen: A lo largo de dos años se realizaron varios trabajos de campo en el Territorio Kalunga Quilombola (GO), con el fin de comprender, documentar y registrar los diferentes usos del fuego, sus motivaciones, conflictos y situación actual. De hecho, este texto presenta experiencias de narrativas libres registradas en cuadernos de campo. Además, los resultados resaltan las percepciones fotografiadas desde nuestra inserción en el Territorio Kalunga Quilombola.

Palabras-clave: manejo del fuego, kalunga quilombo, narraciones imaginarias

¹ Mestranda em Geografia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). E-mail: nmalenam@gmail.com

² Mestre em Ecologia pelo Programa de Pós-Graduação em Ecologia da Universidade de Brasília (UnB). E-mail: gs.anacarla@gmail.com

³ Doutora em Ecologia pelo Programa de Pós-Graduação em Ecologia da Universidade de Brasília (UnB). E-mail: silvialainebio@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Transformou-se em pesquisa uma experiência até então tida como isolada, mas que preencheu diversas noites com sonhos queimantes. Começou com um voluntariado despretenhoso no Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros (ICMBio), na alta temporada turística de 2018. Não foi meu primeiro contato com a Chapada, já havia estado ali em 2008, numa viagem de férias com minha família quando eu ainda era adolescente. Em janeiro de 2019, retornei ao voluntariado e foi quando tudo mudou. Quando, pela primeira vez, assisti a uma queima prescrita realizada pelos brigadistas do Parque Nacional, em uma área de pesquisa com restauração.

No dia seguinte, acompanhei de longe o trabalho da brigada, e dessa vez com a câmera na mão. Esses dois momentos foram o suficiente para me invadir de desejo, dúvida e adrenalina; costurou meus sonhos - os lúcidos e os dormidos. Em maio, retornei ao voluntariado com o propósito de fazer o curso de formação de brigadistas do Parque Nacional. Semana exaustiva e intensa que me rendeu amigos, conhecimentos e o certificado.

Um desses amigos, que me apoiou diversas vezes no curso, que é o Kalunga. Antônio, depois de alguns meses de convívio, me levou pro território pela primeira vez, para fazermos uma queima para abertura de roça na terra de seu sogro.

Um tempo depois, chegou até mim que uma pesquisadora da Universidade de Brasília precisava de alguém para fazer registros audiovisuais e fotográficos de sua pesquisa, com o intuito de divulgar os conhecimentos científicos de forma a chegar nas pessoas que estão de fora dos muros da universidade. Fizemos curta-metragens e as fotos que aqui exponho. Profissionalmente, foi meu primeiro trabalho pago enquanto artista.

Aconteceu um intervalo entre a formatura na licenciatura em Geografia e o ingresso no mestrado porque não sabia se queria fazer pós-graduação ou qual tema me aprofundar. Foi nesse período que vivi o que narrei até aqui, e a partir dessas experiências em campo que a vontade de estudar reacendeu, igual à brasa que parece que apagou, mas ainda tem calor suficiente.

Hoje vejo que o processo desta pesquisa se dá há tempos, mais de ano, como um longo mosaico onde procuramos o caco de azulejo que satisfaz um vazio, para no final

compor uma obra. Mosaico composto de propósitos, inquietações, anseios e delícias, que dialogam entre si e com as diversas esferas da vida.

Reflico aqui, ser esta, uma pesquisa também experiencial de quem vos fala. Ao longo desta escrita, tomo a liberdade de costurar conhecimentos e ferramentas vindos de diversas fontes - oral, em que tomo emprestadas memórias daqueles que me contaram seus saberes; fílmica, literária, plástica, sonora, visual: porque a arte alimenta; e acadêmica, porque há muita gente tentando encontrar respostas, oriundas de diversos universos, para as perguntas que nos movem.

Sou geógrafa de formação acadêmica e, quando recentemente compreendi a tal geograficidade que falou Dardel lá na década de 1950, entendi que a geografia é muito anterior e perpassa por demais a academia, tanto no tempo quanto no espaço. A geografia é tipo uma condição existencial para nós enquanto seres que habitam e transformam - ativamente e intencionalmente - a Terra em Mundo em suas múltiplas escalas.

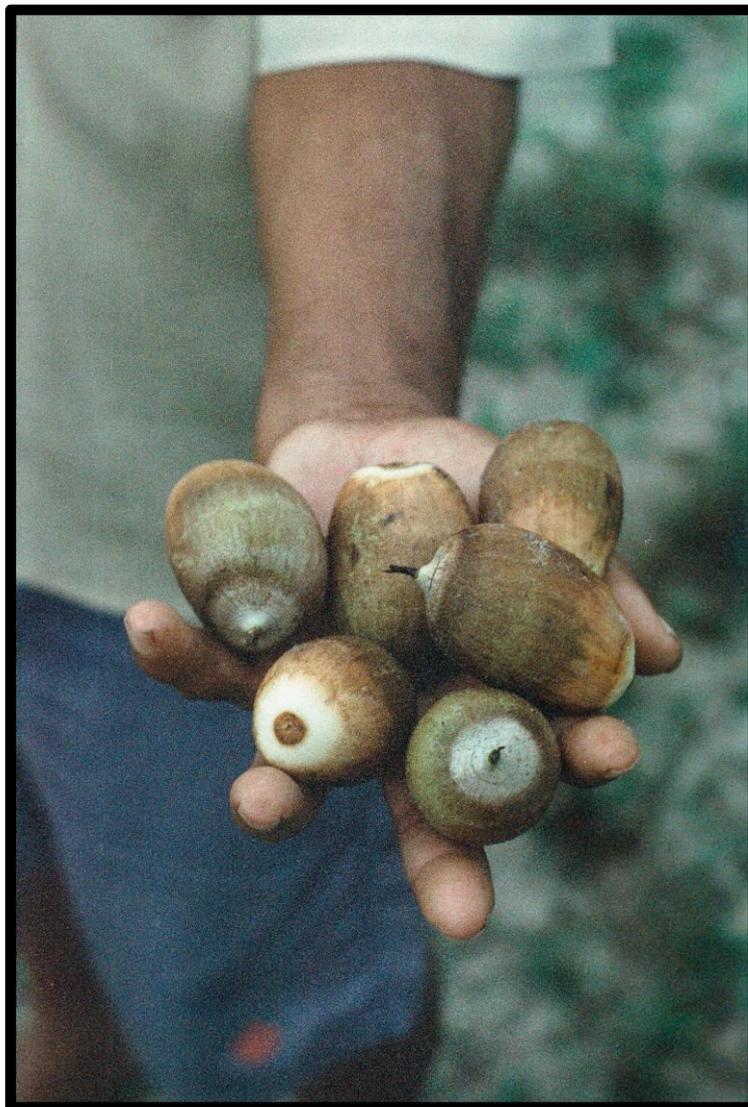
As fotos que trago aqui são fruto de um conjunto de vontades, saberes, disponibilidades, carinho e arte. Ao longo de dois anos, buscando compreender e documentar as diversas facetas do uso do fogo, viajamos para os vãos do Território Quilombola Kalunga em 4 épocas distintas para compreender também suas sazonalidades: agosto de 2021, no meio da seca; novembro de 2021, nas chuvas; abril de 2022, já no finalzinho da estação chuvosa, e em outubro de 2022, na transição da seca pras águas. Visitamos o Vão de Almas e o Vão do Moleque, chegando à Comunidade do Prata. Realizamos a pesquisa mediante reunião e autorização - registrada em ata - da Associação Quilombo Kalunga (AQK); após o início da vacinação, e seguindo todos os protocolos sanitários em relação à pandemia⁴.

Tive a liberdade criativa de fotografar analógico, da forma como conheci a fotografia na infância e que trago comigo até hoje, nunca deixei de lado. Sempre que posso, fotografo com filme. Gosto das cores e dos grãos que dão corpo e textura às fotos; me sinto à vontade com a imprevisibilidade do processo como um todo, porque a gente escolhe o iso e ajusta a câmera, mas, ao mesmo tempo, tudo pode acontecer [acontece que às vezes a gente erra, ou imagina uma coisa diferente da obtida na revelação]; sinto apreço pela artesanaria que vai desde a compra dos filmes até a foto impressa no papel -

⁴ Comitê de ética em Pesquisa (Número do Parecer): 5.550.961

processo que requer paciência, desapego e confiança naqueles que contribuem no resultado do trabalho, principalmente no processamento e digitalização dos filmes e impressão das fotos.

Foto 1 - Coco indaiá na mão de Zilmar



Fonte: acervo da autora. Vão de Almas, 2021.

Assim, o objetivo deste texto é propor uma possível sistematização de dados de trabalhos de campo, com o auxílio das imagens, em forma de narrativa livre, que abarque diversas leituras e que permita um mergulho num tempo e espaço específicos.

2. CADERNOS DE CAMPO

Os Kalunga são um povo quilombola, que vive majoritariamente entre serras e vãos do nordeste goiano, na região da Chapada dos Veadeiros e chegando um pouco no Tocantins. Eles vivem no território que lhes é de direito, das e nas paisagens - por vezes inflamáveis - que os pés alcançam e as mãos cuidam.

Assim como outros povos originários e tradicionais, possuem um modo de vida conectado com os ciclos da natureza, plantam roça, criam animais, constroem casas, quintais, confeccionam utensílios, ferramentas, possuem festejos, ritos, manejam o fogo e resistem mediante conflitos neocoloniais. Suas falas constantemente tensionam questões profundas, contemporâneas e urgentes, que perpassam pelo racismo ambiental, choques culturais e mudanças climáticas.

Dividem-se em regiões e em comunidades, cada qual com suas lideranças, espalhadas para além dos limites cartográficos do território, que se estende por mais de 300 mil hectares de beleza cênica espetacular. Transitam entre o sertão e a cidade, alguns adentraram às universidades, outros trabalham com turismo dentro e fora do território.

Enquanto comunidade, estabelecem, valorizam e dependem das relações de compadrio para o cuidado entre eles e com o território. O tempo todo se visitam e se ajudam, seja na lida com o gado, nas colheitas ou no manejo do fogo. Conhecem as paisagens e os caminhos com maestria, demarcando através de geossímbolos seus limites internos. Os Kalunga, por viverem o lugar, compreendem o que os rios, as serras e os vãos comunicam, porque “são o próprio homem” (Dardel, 2011, p. 49).

Esse ano eu li uma obra de José Lins do Rego, intitulada *Fogo Morto* (1982). Há um homem que, em determinado momento da vida, passa a se transformar em lobisomem. Ele, que sempre trabalhou com couro, em uma de suas noites de epifania, “viu a várzea coberta de lavoura, olhava as vazantes, os altos e nunca reparara que aquilo tudo era poder, era a força verdadeira do homem. Sabia que o homem tirava tudo da terra, que a terra paria tudo” (p. 79). Dialogo, aqui, novamente com Dardel (2011) e sua geografia mítica, onde “o espaço aparece na medida do homem (...) onde ele se realiza e se reconhece” (p. 49), e que, por sua vez, dialoga com o modo de viver no mundo que os Kalunga constantemente me apresentam.

Foto 2 - Roça de toco recém semeada.



Fonte: acervo da autora. Comunidade do Prata, 2021.

Faz-se as roças em esquema de pousio, onde a terra, depois de ser cultivada por um período médio de 3 anos, descansa até recuperar a parte arbórea da vegetação antes de ser roçada de novo. Tudo rebrota, porque “o Cerrado tem raiz”, como disse Zé, do Vão do Moleque. Entre uma roça e outra, o intervalo é de uns 20 anos. Fazem em áreas onde a vegetação é tipo capão de mata, porque a terra é de cultura, terra boa. Corta, queima, semeia, colhe, descansa. Milho, arroz, feijão, mandioca, abóbora. Em outros lugares de Cerrado isso também acontece, e Lúcio (2019), durante sua pesquisa de doutorado, observou isso em comunidades quilombolas na região do Jalapão, no Tocantins; cada lugar possui suas especificidades, mas é mais parecido do que a gente imagina.

Foto 3 - Roseno, Zé e Ademar na roça de arroz de Zé



Fonte: acervo da autora. Vão do Moleque, 2022.

O gado eles criam na larga, na área “em comum” do território, mas a maioria deles também tem uma roça de pasto, de capim manso (chamam por esse nome porque não é o “capim natureza”, ou porque é o capim “domesticado”), para alternar com a larga - principalmente na época seca. É gado curraleiro misturado com nelore, sendo o primeiro mais bravo que o segundo. É mais bruto na lida mas aguenta mais a sazonalidade cerratense e os caminhos, que muitas vezes, são íngremes demais. Uma das ferramentas que usam para manejar o gado no território é o fogo. Queimam os pastos para rebrotar capim e diminuir a macega, e onde por último queimaram, é lá que o gado está comendo broto novo.

Foto 4 - Gado na larga.



Fonte: acervo da autora. Vão do Moleque, 2022.

Nessas duas atividades que sustentam a autonomia do povo, o uso do fogo é indispensável. Como dito, usa para rebrotar capim para o gado e para abrir roça, mas também para limpar a área, para fazer o controle da quantidade de capim seco acumulado nos campos e proteger nascentes e matas. Dizem “que aduba o solo, que dá força pro broto e que o gado gosta de lamber a cinza”. Mas não é em qualquer lugar e a qualquer tempo que pode botar fogo, não. É uma ciência antiga que vem de muito antes.

O fogo possui diversos comportamentos, igual gente e bicho. Ele responde às condições do ambiente, como a umidade do ar, a velocidade e intensidade dos ventos, acúmulo de macega; e, numa outra escala, acompanha a sazonalidade do Cerrado absorvida e compreendida pelos povos. Cada estação com seu fogo, cada fogo com seu propósito.

Há fogo intenso, com chamas altas, quentes e que correm velozes pelo mato; e há fogo mais manso, que aquece, renova, queima brando. Fogo que queima grandes espaços, e fogo que queima pequeno e logo apaga. Fogo que acontece todo ano, e fogo que demora

um pouco mais pra retornar. Todos esses fatores compõem o regime de fogo de um determinado lugar.

Foto 5 - Em terceiro plano, na serra, fogo de manejo



Fonte: acervo da autora. Vão do Moleque, 2022.

De modo geral, os Kalunga realizam as queimas para roça entre agosto, setembro e outubro, e alguns esperam cair as primeiras chuvas para queimar. As roças de capim manso são queimadas entre outubro e novembro, quando as chuvas já começaram a cair, daí aproveitam os dias de sol para colocar o fogo. A larga é queimada entre outubro/novembro, e também em abril, meses de transição de estação seca-chuvosa-seca.

Foto 6 - Queima para abertura de roça de toco



Fonte: acervo da autora. Vão do Moleque, 2021.

A banda BaianaSystem, em seu álbum de 2019 - *O Futuro Não Demora*, canta que “já aconteceu com você, aconteceu comigo; o fogo que queima em você, também queima comigo”. Depois de adentrar as leituras acadêmicas acerca dos usos do fogo pelas mãos de povos originários, tradicionais e sertanejos de modo geral, percebi que esses versos são bem reais. Alguns dos autores que li - como Mistry (2005; 2019), Myers (2006), Durigan (2016), Bilbao (2010), Barradas (2017), Fagundes (2019) - escrevem sobre as percepções, valores, propósitos, conflitos e relações com o fogo em diversas savanas pelo mundo. Noto que existe uma convergência cultural adaptativa que permite o diálogo entre os povos e as paisagens inflamáveis (esse termo é muito usado na ecologia, li em um artigo de Bowman e colaboradores, de 2011, e me senti tocada pela sensibilidade que me permitiu essa divagação). Os diversos povos fazem mais ou menos do mesmo jeito, há muito tempo, e enfrentam mais ou menos os mesmos desafios da atualidade.

Aqui nos Kalunga, dizem que o fogo mudou de uns anos pra cá, principalmente depois da chegada do IBAMA no território, quando trouxe consigo uma visão institucional preservacionista - modelo estadunidense que foi incorporado à nossa

realidade, como nos diz Diegues (2001) - que não contemplava os usos tradicionais do fogo, que via todo e qualquer tipo de fogo como incêndio a ser combatido: a chamada política “Fogo Zero”, como li em Durigan & Ratter (2016). Na visão dos Kalunga esse tipo de conflito possui várias facetas, tanto ecológicas quanto culturais e políticas.

Falam do acúmulo de capim seco, que deixa as paisagens ainda mais inflamáveis na estação seca, e, se um fogo indesejado escapar, ninguém segura. Aí o fogo queima muito quente, queima muita área e prejudica a vegetação, principalmente porque adentra matas e atingem nascentes, mostrando uma face do fogo em chamas que varre com sua força e velocidade, evidenciando, assim, uma dicotomia.

Foto 7 - Pinga-fogo e, ao fundo, brigada do Prevfogo/IBAMA



Fonte: acervo da autora. Vão do Moleque, 2021.

No que toca à cultura, reclamam da falta de autonomia de manejar o território, porque o tempo da instituição é diferente do tempo do povo. Atualmente, existe base do Prevfogo/IBAMA em duas comunidades, Engenho II e Vão do Moleque, onde as brigadas atuam junto à população nas queimas. Ainda falta um longo caminho a ser percorrido para que essa relação se torne mais mutuamente harmoniosa, mas a gente chega lá. A formalização do Manejo Integrado do Fogo (MIF), enquanto política pública, se deu no

âmbito da resolução de conflitos, de mitigar impactos ambientais, reduzir tamanho de área atingida em eventos de incêndio, reduzir custos de combate e respeitar os diversos modos de vida dependentes do fogo.

Foto 8 - Dona Elza e, ao fundo, queima para abertura de roça.



Fonte: acervo da autora. Vão do Moleque, 2021.

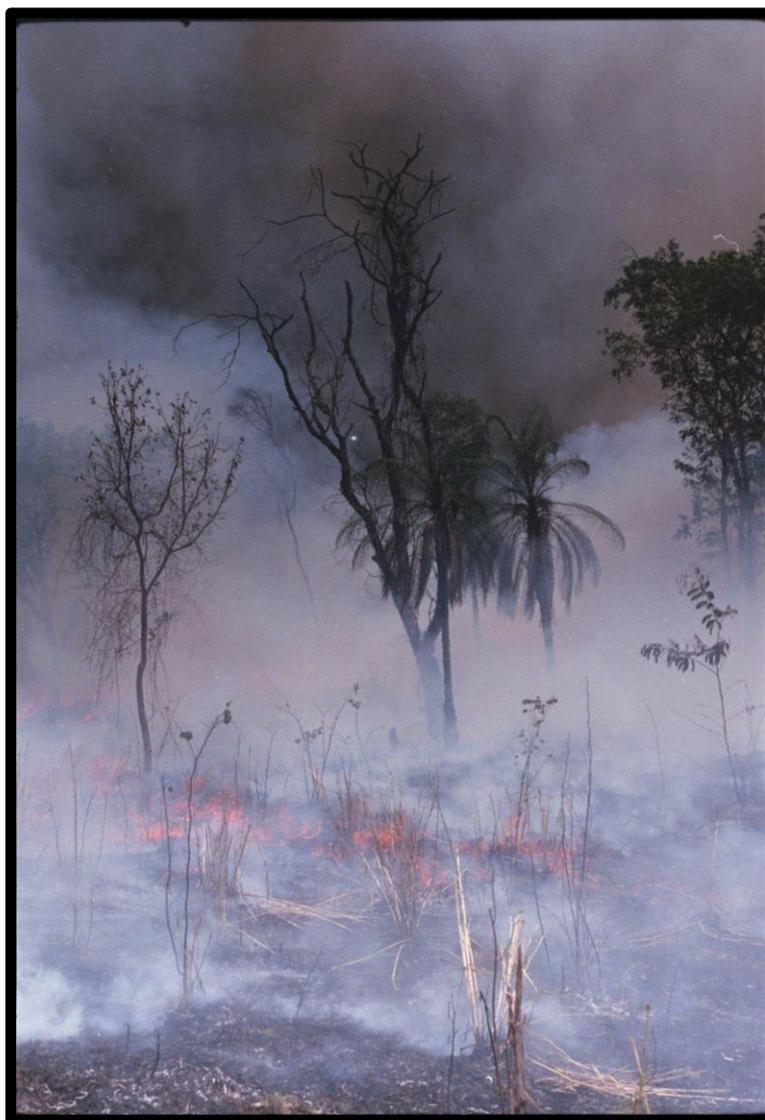
A respeito de um dos casos pioneiros e tido como referência de implementação do MIF no Brasil, Barradas (2017) dissertou sobre a gestão de conflitos na unidade de conservação em que trabalhava na época, a Estação Ecológica (ESEC) Serra Geral do Tocantins (ICMBio). Um dos dados mais interessantes é a respeito da área queimada antes e depois da mudança de postura em relação ao fogo e seus usuários: pela primeira vez, foi feito um termo de compromisso com as comunidades locais permitindo o uso do fogo na ESEC, indicando que problemas ecológicos em relação ao fogo (demasiado ou ausente) dependem da participação e do resgate de conhecimentos tradicionais para que seja resolvido.

3. PALAVRAS FINAIS

Por muitas vezes sinto que o fogo é aquilo que ele deveria ser. Fogo é para queimar. Mas a forma que ele queima diz mais sobre as paisagens do que sobre ele. Precisa apenas de uma fagulha para espalhar por aí. Começa pequeno e corre conforme o ambiente deixa. Nem todo fogo é bom, e não é todo fogo que a gente quer ou precisa.

Mas o fogo tá aí, solto pelo mundo, há mais tempo do que a gente imagina. Igualmente molda as paisagens como o vento, a água e a pedra. Sob o firmamento, tudo dança numa geografia abiótica.

Foto 9 - Queima para abertura de roça.



Fonte: acervo da autora. Comunidade do Prata, 2022.

O homem tirou o fogo para dançar e, à medida que foi compreendido, foi também transformado em ferramenta. Em escala de mundo, permitiu que o manejo dos horizontes fosse iniciado pelos grupos que aprenderam a fazer o fogo. A profundidade dessa relação é maior, muito maior que a paisagem.

A partir da leitura de Besse (2006), vejo que a paisagem é mais que apenas o horizonte que nos permite contemplação. Ela é contexto, é vivida. Ela é afetiva, do verbo afetar. Nos afeta, atravessa e mostra caminhos. Mas ela, quando tida como infinito, ao mesmo tempo, também é espelho. Uma paisagem inflamável coloca à prova a chama que existe nos homens, e seleciona aqueles igualmente inflamáveis. Se a geografia é inerente à existência humana, o fogo também o é para certas geografias.

O que poderiam ser entendidas como divagações de um caderno de campo ultrapassam escalas fixas no tempo e espaço e causam a sensação de durabilidade, na medida em que o sentimento permitir. O fogo da primeira queima ainda arde em mim, que, por extensão da existência humana, é ancestral e vai queimar enquanto houver combustível disponível no mundo.

4. AGRADECIMENTOS NECESSÁRIOS

Agradeço ao PPG-Geografia do Instituto de Geociências da UFMG e à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG) pela possibilidade de realização da minha pesquisa de mestrado.

E embora o texto e as fotos que trago aqui façam parte de uma narrativa que é minha, o percurso não teria sido realizado sem os co-autores deste trabalho. Ana Carla e Sílvia, pesquisadoras que confiaram em mim a missão do registro imagético; Roseno e Rosineide, Kalungas que fizeram o campo acontecer, nos acolhendo e contribuindo na logística, nas trocas e nas dúvidas.

5. REFERÊNCIAS

BAIOCCHI, M. N. *Kalunga: Povo da Terra*. Brasília. Brasil: Ministério da Justiça, Secretaria de Estado dos Direitos Humanos, 1999.

- BAIANASYSTEM. Fogo.: *Máquina de Louco*, 2019. Disponível em: <https://baianasytem.com.br/albuns/o-futuro-nao-demora/>
- BARRADAS, A. C. S. *A gestão do fogo na Estação Ecológica Serra Geral do Tocantins, Brasil*. 2017. Dissertação (Mestrado em Biodiversidade em Unidades de Conservação) Instituto de Pesquisas Jardim Botânico do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.
- BESSE, J. M. *Ver a Terra: seis ensaios sobre a paisagem e a geografia*. São Paulo: Perspectiva, 2006.
- BILBAO et al.. Indigenous use of fire and forest loss in Canaima National Park, Venezuela. Assessment of and tools for alternative strategies of fire management in Pemón indigenous lands. In: *Human Ecology*, Vol. 38. No. 5, p. 663-673. 2010.
- BOWMAN, D. M. J. S.; BALCH, J.; ARTAXO, Paulo et al. The human dimension of fire regimes on Earth. In: *Journal of Biogeography*. 2011. Vol. 38, No. 12. pp. 2223-2236.
- DARDEL, E. *O Homem e a Terra: Natureza da Realidade Geográfica*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2011. 159p.
- DIEGUES, A. C. S. *O mito moderno da natureza intocada*. 3a ed. – São Paulo: Hucitec, 2001.
- DURIGAN, G. RATTER, J. A. The need for a consistent fire policy for Cerrado conservation. In: *Journal of Applied Ecology* v. 53, p. 11–15, 2016.
- FAGUNDES, G. M. *Fogos gerais: transformações tecnopolíticas na conservação do Cerrado (Jalapão, TO)*. 2019. 444 f., il. Tese (Doutorado em Antropologia) — Universidade de Brasília, Brasília, 2019.
- FERNANDES, C. R. *Sobre Ter e Não Faltar: Segurança Alimentar e Territorialidade Kalunga no Cerrado*. Brasília, 2019. 303 p.: il. Tese de Doutorado. Centro de Desenvolvimento Sustentável. Universidade de Brasília, Brasília.
- KRENAK, A. *Ideias para adiar o fim do mundo*. 2ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.
- LÚCIO, S. L. B. *Foice, machado, fogo e enxada: práticas de cultivo e sucessão secundária em matas de galeria inundáveis do Cerrado após agricultura itinerante*. 2019. 156 f., il. Tese (Doutorado em Ecologia)—Universidade de Brasília, Brasília, 2019.
- MISTRY et al. Indigenous fire management in the cerrado of Brazil: the case of the Krahô of Tocantins. In: *Human ecology*, v. 33. n. 3, p. 365-386, 2005.

MISTRY et al. New perspectives in fire management in South American savannas: The importance of intercultural governance. *Ambio* v. 48 p. 1–8, 2019.

MYERS, R. L. Convivendo com o Fogo - Manutenção dos Ecossistemas e Subsistência com o Manejo Integrado do Fogo. *The Nature Conservancy*, 2006.

REGO, J. L. *Fogo Morto*. 23ª edição. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1982.

TUAN, Y. *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. Londrina: Eduel, 2012.

TUAN, Y. *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*. Londrina: Eduel, 2013. 248p.

Recebido em 18/10/2023

Aceito em 14/11/2023

Publicado em 26/01/2024